

Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

2



Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Anna Paula Lombardi

(Organizadora)

**Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas
2**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arqueologia das ciências humanas e sociais aplicadas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-050-6

DOI 10.22533/at.ed.506191601

1. Arquitetura e urbanismo. 2. Espaço urbano. 3. Patrimônio cultural. I. Lombardi, Anna Paula. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” aborda uma série de livros de publicação da editora Atena. O volume 2, apresenta 24 capítulos sobre os aspectos relevantes do espaço urbano das cidades brasileiras apresentando uma diversidade de pressuposições. Os capítulos exibem a preocupação em relatar as particularidades de caráter social, econômico, político e cultural sob as diferentes perspectivas dos autores que disponibilizaram seus estudos nesta obra.

Os capítulos se dedicam a apresentar estudos atuais como as cidades inteligentes e o potencial para desenvolvimento urbano, o direito a cidade e a crise do capital, sustentabilidade nas cidades, as comunidades tradicionais e as suas distinções culturais no campo, representações sociais nas cidades e o Patrimônio histórico com significados normativos e sociais no espaço urbano.

Neste volume, os capítulos apresentam uma riqueza de detalhes e peculiaridades do espaço urbano e suas pressuposições. A importância desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância dos temas abordados.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SMART CITIES NO BRASIL - REALIDADE OU AINDA SONHO?	
<i>Patrícia Pacheco Alves de Oliveira</i>	
<i>Hugo Bona de Carvalho</i>	
<i>Beatriz Natália Guedes Alcoforado Aguiar</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916011	
CAPÍTULO 2	13
CITY MARKETING, TURISMO E IDENTIDADE: ENTRE A PERCEPÇÃO E A POTENCIALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DA VILA DE PARANAÍACABA	
<i>Fernanda Figueiredo D'Agostini</i>	
<i>Tania Cristina Bordon Miotto Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916012	
CAPÍTULO 3	24
O DIREITO À CIDADE NO PROJETO ORLA	
<i>Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares</i>	
<i>Sandra Helena Ribeiro Cruz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916013	
CAPÍTULO 4	37
A CRISE DO CAPITAL E A NEGAÇÃO DO DIREITO À CIDADE	
<i>Rayssa Bernardino de Lacerda</i>	
<i>Maria de Lourdes Soares</i>	
<i>Edna Tânia Ferreira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916014	
CAPÍTULO 5	47
RELAÇÕES HUMANAS E SUSTENTABILIDADE SOCIAL: A REALIDADE DAS CIDADES	
<i>Elisangela Artmann Bortolini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916015	
CAPÍTULO 6	60
IMPACTOS TERRITORIAIS NA COMUNIDADE PESQUEIRA DE MANGUINHOS (SERRA/ES): UM ESTUDO DE CASO	
<i>Pauliane Gonçalves Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916016	
CAPÍTULO 7	84
PRODUZIR CONVENCIONALMENTE OU INOVAR? O MAPA DA ACEITAÇÃO: A SUBJETIVIDADE EM JOGO - ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO ANDER RODOLFO HENRIQUE DIAMANTE D'OESTE PARANÁ	
<i>Andre Luiz de Souza</i>	
<i>Miguel Ângelo Lazzaretti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916017	

CAPÍTULO 897

POVOS INDÍGENAS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: SINGULARIDADE DA EXISTÊNCIA E CONFLITOS COM O AGRONEGÓCIO

Anatália Daiane de Oliveira Ramos
Cristiano Apolucena Cabral
Eva Emilia Freire do Nascimento Azevedo
Edson Caetano

DOI 10.22533/at.ed.5061916018

CAPÍTULO 9 109

MESSIANISMO E CANGAÇO DESVENDADOS EM VERSO E PROSA

Dora Vianna Vasconcellos

DOI 10.22533/at.ed.5061916019

CAPÍTULO 10 120

NOS RASTOS DA FEIRA INTERNA E EXTERNA

Thiago Oliveira da Silva
Anderson Przybyszewski Silva

DOI 10.22533/at.ed.50619160110

CAPÍTULO 11 129

DA ILHA A METRÓPOLE: PARTICULARIDADES E CONSEQUÊNCIAS DE UM PERCURSO CERCADO DE PERSPECTIVAS, DESILUSÕES E DISTINTAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Clícia Danielly Barbosa Alcântara
David das Neves Aires
Maria Lúcia Dias Gaspar Garcia

DOI 10.22533/at.ed.50619160111

CAPÍTULO 12 140

CONTRADIÇÕES DO ESPAÇO SOCIAL: ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES CONTRÁRIAS À MINERAÇÃO DE OURO EM PARACATU, MG

Luís Fernando Silva Andrade
André Luiz de Paiva
Valderí de Castro Alcântara
Flávia Luciana Naves Mafra

DOI 10.22533/at.ed.50619160112

CAPÍTULO 13 159

O CENÁRIO HABITACIONAL E SUA REPERCUSSÃO NA VIDA DO IDOSO BRASILEIRO

Eleusy Natália Miguel
Simone Caldas Tavares Mafra

DOI 10.22533/at.ed.50619160113

CAPÍTULO 14 170

A JUDICIALIZAÇÃO DA QUESTÃO AGRÁRIA: QUILOMBO BOA VIDA MATA CAVALO

Elen Carolina Martins
Marluce Aparecida Souza e Silva

DOI 10.22533/at.ed.50619160114

CAPÍTULO 15	185
ESTRATÉGIAS DE PESQUISA DOCUMENTAL EM RUAS COMERCIAIS DE INTERESSE HISTÓRICO: O CASO DA AVENIDA DUQUE DE CAXIAS EM LONDRINA-PR	
<i>Eloisa R. Ribeiro Rodrigues</i>	
<i>Elisa Roberta Zanon</i>	
<i>Letícia Cabrera</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50619160115	
CAPÍTULO 16	202
O MERCADO IMOBILIÁRIO COMO DOCUMENTO: O CASO DO APARTAMENTO CONTEMPORÂNEO DO SÉCULO XXI NA CIDADE DE SÃO PAULO	
<i>Gabriela Tiemi Minagawa Yokota</i>	
<i>Sandra Regina Casagrande de Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50619160116	
CAPÍTULO 17	221
BOA ESPERANÇA ONTEM E HOJE: A EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE FURNAS.	
<i>João Paulo Chagas Maia Vilela</i>	
<i>Mauro Santoro Campello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50619160117	
CAPÍTULO 18	237
IMAGEM E ARQUITETURA: DIÁLOGOS ENTRE IDENTIDADE E MEMÓRIA SOCIAL NAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS EM PALMAS – TO	
<i>Thiago Henrique Omena</i>	
<i>Bruna Coelho Alves Meneses</i>	
<i>Estéfani Marx</i>	
<i>Lourranny Parente Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50619160118	
CAPÍTULO 19	253
INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO FERROVIÁRIO: DOCUMENTO E INSTRUMENTO DA POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO	
<i>Claudiana Cruz dos Anjos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50619160119	
CAPÍTULO 20	270
MOTIVOS PARA INVENTARIAR O INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL – 1942, NA CIDADE DE PELOTAS/RS	
<i>Lisiê Kremer Cabral</i>	
<i>Ana Lúcia Costa de Oliveiras</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50619160120	
CAPÍTULO 21	282
A RESSIGNIFICAÇÃO SOCIAL DO USO DO ESPAÇO PÚBLICO REVITALIZADO	
<i>Ana Estela Vaz Xavier</i>	
<i>Marina Xavier Carpena</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50619160121	

CAPÍTULO 22 297

O PATRIMÔNIO URBANO E ARQUITETÔNICO DA PEQUENA CIDADE DO OESTE PAULISTA: DA PERCEPÇÃO DO LUGAR PRATICADO AO PROJETO DE INTERVENÇÃO

Hélio Hirao

Matheus Alcântara Silva Chaparim

DOI 10.22533/at.ed.50619160122

CAPÍTULO 23 308

AS FONTES DOCUMENTAIS PARA CONHECIMENTO E ENTENDIMENTO DA CIDADE: A LEITURA DA MORFOLOGIA URBANA DA RUA MARECHAL DEODORO ATRAVÉS DOS INSTRUMENTOS NORMATIVOS / LEGISLATIVOS - JUIZ DE FORA/MG

Daniel de Almeida Moratori

DOI 10.22533/at.ed.50619160123

CAPÍTULO 24 321

A VERTICALIZAÇÃO E ESPRAIAMENTO HORIZONTAL COMO RESULTADO DA ATUAL CONFIGURAÇÃO URBANA DA CIDADE DE TERESINA-PI

Giesse Monteiro Alves de Andrade

Gustavo Borges Vieira

DOI 10.22533/at.ed.50619160124

SOBRE A ORGANIZADORA 335

ESTRATÉGIAS DE PESQUISA DOCUMENTAL EM RUAS COMERCIAIS DE INTERESSE HISTÓRICO: O CASO DA AVENIDA DUQUE DE CAXIAS EM LONDRINA-PR

Eloisa R. Ribeiro Rodrigues

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Londrina, Paraná.

Elisa Roberta Zanon

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Londrina, Paraná.

Letícia Cabrera

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Londrina, Paraná.

RESUMO: Este artigo demonstra estratégias de investigação adotadas na pesquisa intitulada “A paisagem da rua comercial em Londrina: Transformações e Permanências”, apresentando resultados parciais do estudo realizado na Av. Duque de Caxias. Teve como objetivo contribuir para o avanço da pesquisa no campo da paisagem urbana histórica e documentar este importante eixo histórico e comercial da cidade, pressupondo que a compreensão das permanências é fator essencial para construção de políticas de preservação patrimonial, e para o debate da resiliência e sustentabilidade urbana. Quanto aos procedimentos, realizou pesquisa qualitativa, adotando um conjunto de métodos combinados a partir do campo da Morfologia Urbana, e da abordagem tipo-morfológica, e tendo como fontes principais o cadastro imobiliário e observação de campo. Por meio de estudo empírico realizado em trecho

da referida avenida (plano inicial de 1932), identificou diferentes níveis de permanência que testemunham épocas de desenvolvimento, organização espacial e durabilidade das cidades.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem urbana histórica. Tipologias Comerciais. Abordagem tipo-morfológica.

ABSTRACT: This article show strategies adopted in the research entitled “The Commercial Streetscape in Londrina: Transformations and Permanencies”, presenting partial results of the study carried out at Ave. Duque de Caxias. It aimed to contribute to the advancement of research in the field of historical urban landscape and to document this important historical and commercial axis of the city, assuming that the understanding of these permanencies is an essential factor for the construction of patrimonial preservation policies, and for the debate of the resilience and urban sustainability. About of procedures, he carried out a qualitative research, adopting a set of methods combined from the field of Urban Morphology, and the morphological-type approach, and having as main sources the real estate cadaster and field observation. By means of an empirical study carried out along this avenue (initial plan of 1932), it identified different levels of permanence that testify to the times of development, spatial

organization and durability of the cities.

KEYWORDS: Urban Historical Landscape. Typo morphological approach. Urban retail.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo traz para discussão resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado “*A paisagem urbana da rua comercial em Londrina: Transformações e Permanências*”, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Londrina. Retoma o debate anteriormente realizado em tese doutoral sobre transformações observadas em ruas comerciais de centros urbanos tradicionais como reflexo mais amplo de mudanças estruturais na esfera do varejo (RODRIGUES, 2012). Avança o debate buscando avaliar em que medida as transformações realizadas pelos estabelecimentos comerciais como estratégia de sobrevivência podem, sistematicamente, alterar a paisagem urbana interferindo no caráter histórico dos centros tradicionais.

Neste contexto foi estudado um trecho da Avenida Duque de Caxias inserido no quadrilátero histórico da cidade de Londrina PR, e teve como objetivo principal verificar a pertinência do emprego da abordagem tipo-morfológica para identificação dos tipos comerciais presentes na avenida, e do nível de permanência de seus elementos constituintes. Como objetivo secundário buscou-se avançar o debate sobre a relação comércio-cidade, preservação e resiliência comercial urbana. Procurou demonstrar em que medida a permanência destes tipos reforçam qualidades essenciais formadoras da identidade do lugar, pressupondo que sua compreensão é fator essencial para construção de políticas de preservação patrimonial e sustentabilidade urbana.

Como fenômeno central notou-se um discurso coletivo, pautado pelo senso comum, que nota um ‘envelhecimento da rua’, que fala de atividades comerciais desaparecidas, ou um suposto declínio geral (econômico e espacial) das atividades comerciais. É verdade que se observa uma obsolescência de tipos comerciais representativos de épocas de desenvolvimento, tais como barracões construídos para o funcionamento de armazéns cerealistas (os antigos atacados), cujos edifícios ainda existem em sua maioria, contudo deram lugar aos móveis usados, brechós e estacionamentos.

Embora as atividades comerciais tenham se alterado para acompanhar as transformações inerentes ao sistema comercial, ainda que tenham desaparecido certos formatos comerciais e surgido outros, e mesmo com atividades marginais, um fato notável é que os edifícios, ainda que com muitas adaptações, quer sejam estruturais (cobertura, por exemplo), no interior ou na fachada, sobrevivem, como testemunho da história de formação econômica e social da cidade e demonstram a *robustez* como importante qualidade.

Ampliando esta percepção para além da Avenida Duque de Caxias, nota-se que o fenômeno da descontinuidade forma-função é recorrente no Brasil, e em particular

nas ruas comerciais localizadas nos centros históricos tradicionais, e deve-se em parte a maior resistência das construções, comparadas às atividades do comércio propriamente ditas. A interpretação do fenômeno, pela ótica da continuidade da forma urbana, adota como suporte teórico uma combinação de conceitos estabelecidos na Morfologia Urbana e na abordagem tipo-morfológica, desenvolvidos por Conzen (1960; 1981), Moudon (1994), Caniggia e Maffei (2001), Whitehand (2001), Panerai (1999), Kropf (2009), Lovra (2016) e Pereira Costa e Gimmler Netto (2015), os quais serão discutidos adiante.

Uma vez que as transformações são inevitáveis no âmago deste processo, importa estudar, pelo olhar da morfologia urbana, a permanência de elementos essenciais que conformam a paisagem urbana, neste caso específico o *streetscape* (paisagem da rua) e verificar se o conjunto se mantém representativo da história local. Em outras palavras, compreender até onde o *tecido urbano* suporta modificações sem que se perca a reconhecibilidade dos elementos que o compõe, e de forma a preservar o caráter histórico do lugar.

Argumentos procedentes dos estudos da resiliência comercial urbana também podem ser úteis para sustentar investigações dessa ordem. Estudos recentes sugerem que embora a mudança seja um aspecto intrínseco aos sistemas comerciais, o ritmo acelerado das transformações pode abalar o equilíbrio dos sistemas comerciais, colocando em risco o desenvolvimento sustentável das cidades. Os autores defendem que a sustentabilidade urbana pode (e deve) ser associada à preservação de sistemas comerciais alicerçados na diversidade de formatos de lojas, ramos de atividade e ambientes comerciais (CACHINHO & SALGUEIRO, 2010).

M.R.G. Conzen, um dos mais relevantes pesquisadores sobre a forma urbana, enfatiza o estudo das áreas centrais (históricas), por constituírem a essência da paisagem urbana e valor como bem cultural e capital social. O autor esclarece que na medida em que uma geração reconhece este valor, preservando-o, aumentam seu sentimento de orgulho e pertencimento, e ampliam a noção de importância de preservação dos esforços das gerações anteriores (CONZEN, 1960 *apud* PEREIRA COSTA e GIMMLER NETTO, 2015, p.42; KROPF, 2009). Também Yamaki (2003, p.3) defende que o caráter e suas identidades, valores e heranças construídas e cultuadas ao longo do tempo, constituem uma das vertentes da sustentabilidade. Ancorado neste recorte teórico o presente estudo buscará demonstrar que a interpretação dos tecidos urbanos (comerciais) e a identificação de permanências podem auxiliar a construção de estratégias de preservação das paisagens urbanas históricas, ampliar o entendimento sobre a resiliência comercial urbana e de modo mais amplo, avançar o debate sobre a relação comércio-cidade.

2 | APORTE TEÓRICO AO ESTUDO DO COMÉRCIO, A PARTIR DA MORFOLOGIA URBANA

Esta seção apresenta a estrutura desenvolvida para suportar as ações da pesquisa. Trata-se de pesquisa qualitativa realizada através de estudo empírico de um fragmento do tecido urbano da Avenida Duque de Caxias, Londrina (PR), realizada a partir de uma combinação de métodos da Morfologia Urbana. Outras ações mais amplas foram: revisão crítica de literatura; pesquisa exploratória; levantamento cadastral e de campo; sistematização e análise da permanência das formas urbanas. A partir dos procedimentos apontados a investigação revelou achados significativos, tanto no nível da permanência da forma quanto da resiliência urbana. A estrutura metodológica é enraizada no campo de estudo da Morfologia Urbana, combinando métodos procedentes das Escolas Inglesa e Italiana, e estudos recentes para interpretação das paisagens urbanas históricas e tipologias edilícias (CONZEN, 1960; CANIGGIA & MAFFEI, 2001; KROPF, 2009). Por limitações de espaço é apresentada de modo muito reduzido em comparação às possibilidades fornecidas pela literatura, mas pode, contudo, serem consultadas as fontes originais.

Delimitação do campo – abordagens histórico-geográfica e do processo tipológico

As escolas inglesa e italiana são centrais no campo de estudo da Morfologia Urbana, apresentando elementos interpretativos úteis à compreensão da formação e organização de eixos comerciais, ao estudar as transformações do tecido urbano que ocorrem ao longo do tempo. A diferença reside no modo de abordar seus objetos e no arranjo das escalas de análise (método). Na escola inglesa, base da morfologia urbana, o escopo está no território e no tecido urbano, de onde procede-se a análise dos elementos morfológicos que o compõem (plano urbano, quadra, lote, edifícios e fachadas), estabelecendo relações formais e temporais. Na escola italiana, por sua vez, o foco está no processo tipológico, observado em várias escalas (território, cidade ou edifício), pela seleção de um elemento morfológico e investigação de suas variações, hierarquias e sua relação com o contexto urbano, o período histórico e a sociedade que o produziu (PEREIRA COSTA e GIMMLER NETTO, 2015; KROPF, 2009; LOVRA, 2016). Uma melhor compreensão se dá pelo entendimento mais minucioso destas abordagens.

A *abordagem histórico-geográfica* (escola inglesa) estabeleceu o conceito de paisagens urbanas históricas na década de 1960 através do trabalho do geógrafo alemão M.R.G. Conzen. Em sua trajetória Conzen enfatizou o estudo da evolução da forma urbana pela observação do plano das cidades e seus componentes, usando como parâmetros as transformações e permanências, sistematizadas temporalmente (períodos morfológicos). Propõe uma visão 'tri-partida' da paisagem urbana, representada em seu AXIOMA I, que sugere a leitura a partir das três categorias

sistemáticas da forma: a) plano urbano; b) tecido urbano [quadras e lotes com tipos edifícios semelhantes]; c) padrão de uso e ocupação do solo e dos edifícios (CONZEN, 1960; KROPF, 2009; PEREIRA COSTA e GIMMLER NETTO, 2015; LOVRA, 2016).

A *abordagem do processo tipológico* (escola italiana) tem base no trabalho dos arquitetos Saverio Muratori e Gianfranco Caniggia. Os autores consideram o território uma estrutura formada a partir da conexão entre rotas, assentamentos, áreas de produção e organismos urbanos, em que examina sua estrutura e seu o processo histórico de formação. De acordo com Caniggia e Maffei (2001) o primeiro procedimento é uma distinção geral entre relações espaciais e temporais, a que se refere respectivamente por co-presença (superposição de hierarquias no tempo) e derivação (repetição de formas derivadas de um tipo-básico). A análise aplica-se tanto ao edifício quanto a estrutura urbana a partir do esquema apresentado na Tabela 1.

Hierarquia - copresença	Componente / Escala	Edifício	Cidade
	Elementos	Materiais de construção como tijolos, madeiras, telhas	O edifício
	Estrutura de elementos	Associações em paredes, pisos interiores, telhados	Associação de edifícios formando tecidos urbanos
	Sistemas de estrutura	Organização dos elementos em salas, escadas, corredores	Combinação de tecidos formando setores ou distritos
	Organismo	Os edifícios	Associação de distritos formando a cidade

Tabela 1: Elementos analíticos pela abordagem do processo tipológico

Fonte: Adaptado de Kropf, 2009.

Através deste esquema a estruturação morfológica do território é analisada de modo evolutivo, a partir de quatro níveis distintos: 1) desenvolvimento de rotas; 2) formação de assentamentos; 3) fixação (uso do solo); 4) transformação do território (CANIGGIA & MAFFEI, 2001 e COSTA et al., 2018).

Estrutura de Interpretação aplicada à Av. Duque de Caxias

A partir da delimitação do campo apresenta-se um quadro analítico (Tabela 2) que combinou as categorias a partir das abordagens histórico-geográfica e do processo tipológico, em coerência ao método tipo-morfológico. Por limitações de espaço a estrutura metodológica foi apresentada de modo muito reduzido em comparação às possibilidades fornecidas pela literatura. A Tabela 2 sintetiza as categorias sistemáticas da forma urbana, os elementos e critérios de análise adotados para as interpretações realizadas na Avenida Duque de Caxias, aqui citados e detalhados nas próximas sessões do artigo. Tais categorias combinadas entre si, associadas à passagem do tempo e derivações contidas nesse processo, formam um todo que é a paisagem urbana histórica. As formas encontradas nos diferentes níveis foram entendidas como tipos, elementos específicos enraizados pelo processo local de desenvolvimento

cultural. Em todos os níveis de análise os elementos teóricos puderam ser identificados, permitindo a leitura do processo formativo em etapas, e a verificação de permanências formadoras do caráter histórico da rua. Na sequência procede-se a apresentação dos *resultados* obtidos até o momento, e *discussão* acerca da pertinência do método.

Estrutura para leitura da paisagem urbana histórica na Avenida Duque de Caxias	Categories Sistemáticas da forma urbana	Elementos-chave / fases evolutivas e permanências
	1.Rotas iniciais PERMANÊNCIA: elevada	A estrada existente: eixo considerado histórico, formador da Av. Duque de Caxias (YAMAKI, 2017). Figura 2. PERMANÊNCIA: elevada / eixo, estrutura
	2.Plano urbano inicial PERMANÊNCIA: elevada	Planta de Londrina (1932), versão mais antiga do projeto elaborado por Alexandre Razgulaeff. PERMANÊNCIA: estrutura, traçado, sistema quadra-lote;
	3.Tecido urbano PERMANÊNCIA: Variável	Trecho composto por 16 quadras organizadas em 8 setores (Fig.4); contém o sistema rua/quadra/lote; PERMANÊNCIA: alteração nos lotes e edifícios;
	4.Tipologias edilícias PERMANÊNCIA: Variável *edifícios comerciais sofrem muitas adaptações para acomodar novos usos	Quadra-padrão e tipos edilícios básicos- Fig.4 (construções comerciais/mistas) PERMANÊNCIA: avaliação dos seguintes elementos constituintes - cascas (1ª. construção comercial ou mista; cobertura; elementos da fachada; interior / adaptações);
	5.Padrão de uso e ocupação do solo PERMANÊNCIA: reduzida	As atividades comerciais iniciais, estruturadoras da vida social e econômica (1955); comparação com 2018; PERMANÊNCIA: alteração significativa dos usos/atividades;
	PERMANÊNCIAS – consiste na verificação da continuidade dos elementos formadores da paisagem urbana histórica. Foram considerados: 1) o eixo histórico; 2) plano inicial; 3) sistema quadra-lote; 4) tipos edilícios e seus elementos – casca, cobertura; elementos da fachada; interior; 5) Usos comerciais. FATOR – quanto maior o acúmulo destes fatores, concomitantemente, indicaria um maior nível de permanência (WHITEHAND, 2009);	

Tabela 2: Quadro Analítico para interpretação do objeto de estudo

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na revisão de literatura apresentada no artigo.

3 | A PAISAGEM URBANA HISTÓRICA NA AVENIDA DUQUE DE CAXIAS

Nesta seção apresentam-se resultados da pesquisa empregados na interpretação da paisagem histórica da Avenida Duque de Caxias, a partir da estrutura metodológica apresentada na Tabela 3. Embora todas as categorias sistemáticas da forma urbana tenham sido investigadas, a concentração se deu no estudo das tipologias edilícias e no padrão de uso e ocupação do solo, representado pela evolução das atividades econômicas do setor terciário. Inicia-se pelo recorte espacial, seguido pelo tecido urbano e padrão das atividades comerciais.

3.1 Elementos da estruturação territorial: de Heimtal-Cambé a Duque de Caxias, a formação de uma avenida

Rotas iniciais

A formação da Avenida Duque de Caxias tem raiz num dos eixos iniciais que estruturaram o território, identificado nas releituras e achados recentes de Yamaki (2017). Neste estudo buscou-se evidenciar a importância da interpretação das rotas no entendimento da ocupação territorial, desde a sua formação até a estruturação urbana

contemporânea. A Figura 1 demonstra através de croquis, a relação espacial entre o Patrimônio de Heimtal (1929) e o núcleo inicial implantado pela CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná em 1932 (Figura 2) em que a ‘estrada de automóveis’, anterior ao projeto de um ramal da ferrovia não executado - Ramal 2 EFCP - já é notado (YAMAKI, 2017).

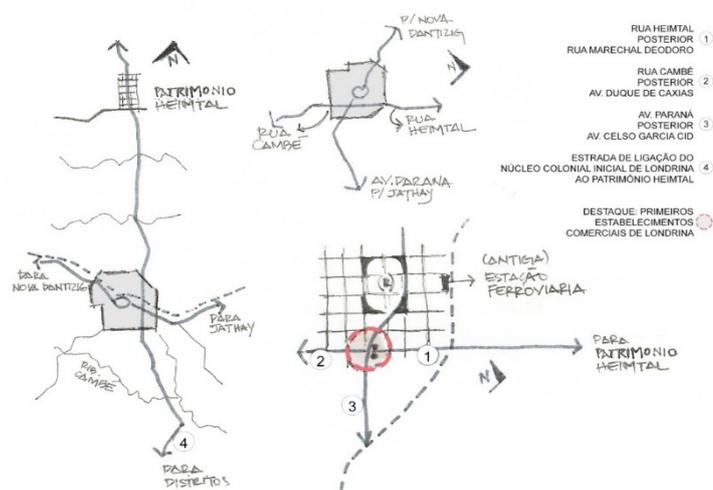


Figura 1: Croquis da relação espacial entre o Patrimônio de Heimtal e o núcleo inicial de Londrina, a partir da estrada de automóveis pré-existente.

Fonte: Dos autores, 2018.

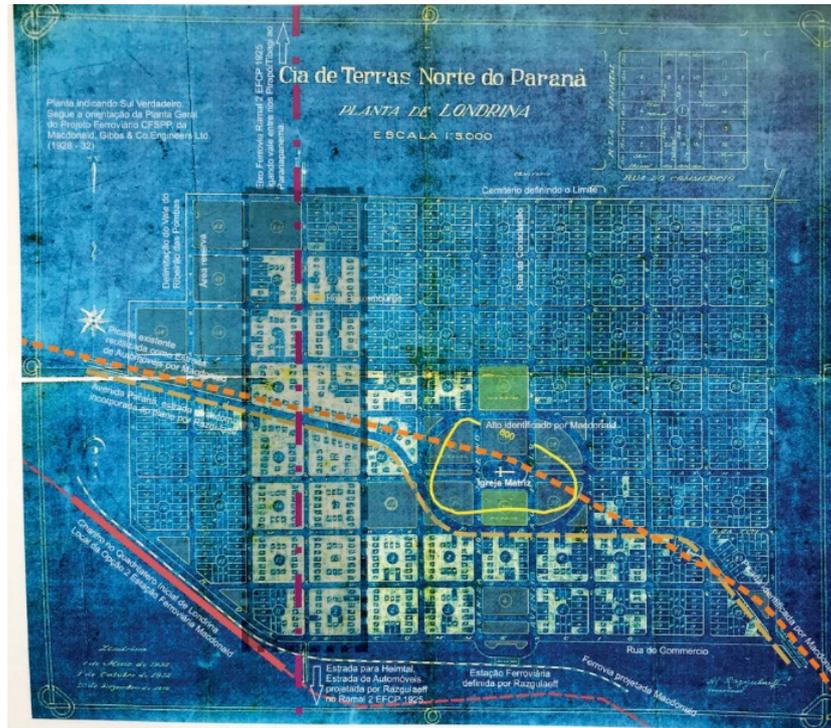
Na interpretação de Yamaki (2017), as ruas Heimtal e Cambé coincidem com este ramal, o que de certa forma justifica a concentração de lotes reservados e vendidos ao longo desta via, e os interesses econômicos já notáveis em sua configuração. Nas suas palavras,

‘Conseguimos assim, indiretamente, justificar o porquê da localização do Hotel Luxemburgo (1932 – local do atual Franz Hotel) bastante afastado da estação indicada na Planta de Londrina. Em depoimento o engenheiro Rodolpho Horner afirma que ouviu de seu pai Ernesto Horner, pioneiro, falar terem sido enganados. Ouviram dizer que por ali passaria uma ferrovia” (YAMAKI, 2017).

Plano urbano inicial, tecido urbano e tipologias edilícias

O *plano inicial* é datado de 1932. A Figura 2 é uma adaptação feita por Yamaki (2017) em que o autor faz a sobreposição da Planta geral CFSP (1928-32) identificando condicionantes do projeto. No eixo Norte-Sul, os equipamentos urbanos elementares: a estação ferroviária, a igreja ladeada por duas praças, escola, e no lado oposto o cemitério. O eixo da Duque de Caxias, em destaque, é paralelo ao eixo principal a esquerda na imagem. Nele, tracejado em vermelho, nota-se a via, que se destaca pelos lotes preenchidos em contraste, que indicavam o interesse dos compradores. A via teve muitos nomes, gerando muitas confusões que precisaram ser esclarecidas para realização de uma das etapas fundamentais da pesquisa: a reconstrução dos

usos comerciais iniciais, a partir do Informador Classificado do Paraná (1955), um catálogo telefônico. Este procedimento, sintetizado na Figura 3, permitiu verificar a permanência das atividades econômicas que se estabeleceram na via, desde o princípio, em comparação aos dias atuais.



Delimitação da área de estudo

Figura 2: Planta de Londrina – CNTP 1932 com as condicionantes do projeto e delimitação da área de estudo.

Fonte: Adaptado de Yamaki (2017) pelas autoras, 2018.

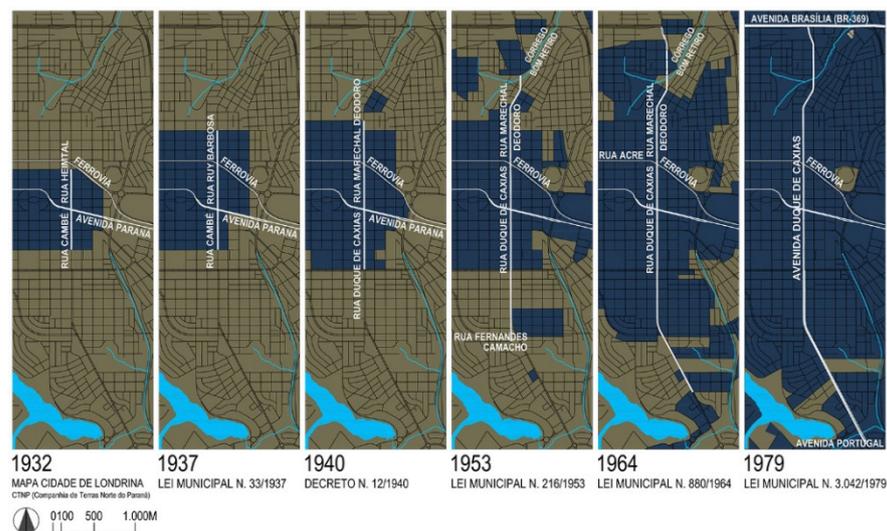


Figura 3 – Evolução da nomenclatura da (atual) Av. Duque de Caxias.

Fonte: Organizado pelas autoras a partir da base digital da PML/SIGLON/CML (leis e decretos), 2018.

O tecido urbano, por sua vez, pode ser lido a partir do sistema formado pelas quadras e lotes, com os tipos edilícios semelhantes. A Figura 4 mostra a Quadra 1,

também visível na representação do trecho. O desenho da quadra, retirado da planta de 1932, mostra a denominação original da rua (Heimtal) em referência ao lado da rua que se ligava com o Patrimônio de mesmo nome, pré-existente. No lado sul o nome seria rua Cambé, como já discutido. Aparece ainda uma rua denominada ‘*rua do commercio*’ (atual rua Benjamin Constant) – idealizada no plano inicial. Contudo, foi na Avenida Duque de Caxias que, pelos motivos já citados, os interesses se concentraram, reforçando pressupostos já amplamente discutidos que defendem que a lógica dos planos nem sempre é a do comércio (VARGAS, 2001).



Figura 4 – Da esq. para dir.: quadra tipo estabelecida no Plano de 1932; Tecido urbano e tipologias edilícias identificadas no trecho de estudo (setores 1 a 8).

Fonte: Organizado pelas autoras, 2018.

A Figura 5 foi elaborada com base em foto aérea disponível no Museu Histórico de Londrina, datada de 1950. A sobreposição do esquema quadra-lote permite compreender como se procedeu a formação da paisagem urbana a partir da definição do plano de 1932. Em destaque a quadra-padrão número 01, de formato regular, que mede 105m por 115, subdividida em 20 lotes de dimensões variadas, com frentes de 12 a 15m, e fundos de 38,75m a 52,5m (YAMAKI, 2003^a p.16). As relações espaciais podem ser notadas pelo padrão de ocupação do lote, que se repete em toda a extensão do trecho. Nota-se que os edifícios comerciais são alinhados junto ao passeio, em geral justapostos lado a lado. As interrupções, menos frequentes, indicavam os acessos para o fundo dos lotes, onde se concentravam residências (em sua maioria), ou edificações de apoio à atividade comercial, tais como garagens, depósitos, instalações sanitárias e outras. A vegetação também demonstra a presença de um cotidiano familiar, oriundo não raro da migração do meio rural, cujos pomares e varais denotam a permanência de aspectos culturais tradicionais.

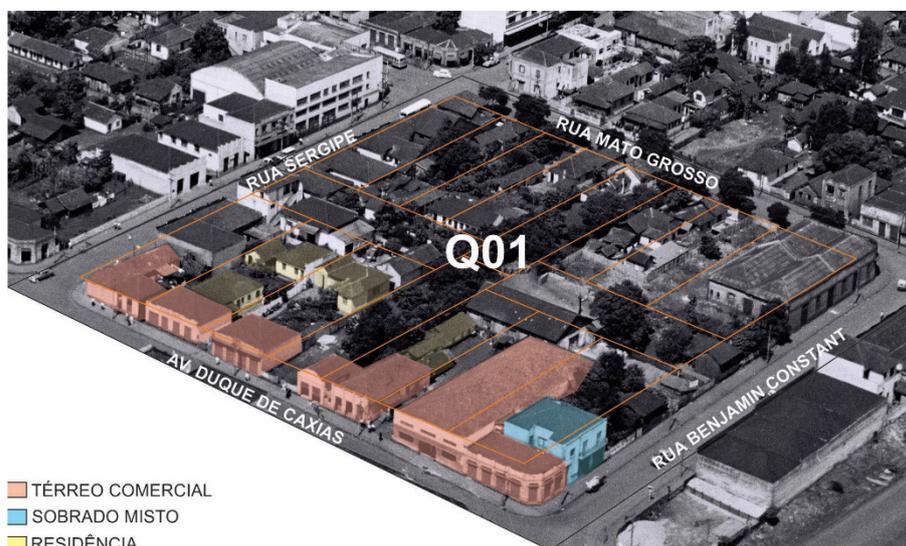


Figura 5 – Quadra-padrão número 1, tecido urbano e tipologias comerciais identificadas.

Fonte: Museu Histórico de Londrina (1950, Y. Yassunaga) adaptada pelas autoras, 2018.

O processo evolutivo dos lotes ainda pode ser notado na Figura 4, que demonstra um padrão de permanência maior nos lotes do meio da quadra. Nas esquinas ocorre em geral uma junção dos mesmos, para acomodar edifícios de maior porte (edifício misto) ou atividades comerciais que tiram partido da posição privilegiada da esquina para seu estabelecimento. Esta ocorrência é notada em dez das dezesseis quadras estudadas, a saber, as de número 10, 11, 17, 22, 23, 29, 30, 44, 51 e 61. Quanto as *tipologias edilícias*, 5 tipos foram identificados e observados como recorrentes no trecho, cujas características são descritas na Tabela 4. As figuras 4 e 5 demonstram, respectivamente, sua distribuição ao longo das 16 quadras e a predominância do tipo 1 (térreo comercial) como um tipo-básico que sofreu muitas derivações. O Gráfico 5 (p.16) mostra a distribuição das tipologias nos setores 1 a 8.

Atividades comerciais – surgimento, consolidação e evolução

O desenvolvimento comercial da Avenida Duque de Caxias acompanhou, desde seu início, o vigor e pujança da cidade, e a via desempenhou papel central na cena econômica e social de Londrina (CAPELO, 1989). Desde o início Londrina assumiu a função de centro de decisão em nível regional por ser a sede econômica do empreendimento da CTNP e pelo poder de atração de população migrante e imigrante. Sempre mencionada como “cidade polo” ou mesmo “capital regional” devido à importância no norte do Estado. Linardi (1995, p.13-14) ressalta que as capitais regionais são importantes para uma dada região ou território por assumirem a “função de centros de convergência de pessoas, negócios e mercadorias, possibilitando os contatos com outros centros complementares”.

PADRÃO TIPOLOGICO IDENTIFICADO NA AVENIDA DUQUE DE CAXIAS	Tipos básicos	Descrição dos elementos-chave / fases evolutivas e permanências
		
		2.SOBRADO MISTO: Em menor quantidade, foi bastante notado na maioria dos 8 setores; construído por proprietários que tinham ou não o seu estabelecimento no térreo, morando num dos apartamentos superiores; previa 2 ou 4 apartamentos, alugados ou cedidos para membros da família; portas de acesso residencial constituem uma marca constante na paisagem urbana da rua; hoje os apartamentos superiores, por vezes acomodam empresas, depósitos, estão inutilizados, ou para alugar; foto: Quadra 16, lote 5.
		3.EDIFÍCIO COMERCIAL: É tipo menos comum neste trecho, apesar de estar bem representado nas extensões da avenida; composto exclusivamente por espaços destinados ao comércio, com mais de 2 pavimentos; no térreo junto a calçada as salas destinam-se a lojas, que no início raramente tinham vitrines; adaptações posteriores introduziram este elemento atendendo a exigências atuais; foto: Antigo Lar Hotel, Quadra 50, lote 3.
		4.SOBRADO COMERCIAL: Semelhante ao tipo 2 é organizado em dois pavimentos exclusivamente destinados a espaços comerciais (térreo e superior); em geral, salas comerciais destinadas a serviços prestados por autônomos; mais recente que o sobrado comercial, por vezes notou-se a adaptação deste tipo, devido à maior demanda por espaço comercial, comparado ao residencial; Foto: Quadra 10, L3.
		5.EDIFÍCIO MISTO: Representado por edifício de 3 ou mais pavimentos, em que o térreo é destinado a salas comerciais; as vitrines apareceram somente em adaptações posteriores; os acessos aos apartamentos são feitos por 1 ou 2 portas junto passeio, ocupados pelos donos, familiares ou alugados; foto: Edifício Vittori, Quadra 16, lote 1.
Fonte: Fotos e elaboração do autor, 2018.		

Tabela 4: Tipologias edilícias recorrentes

Muitas destas atividades instalaram-se logo nos primeiros anos na Duque de Caxias, e a avenida recebeu não apenas atividades comerciais, mas também atividades culturais e de lazer (CAPELO, 1989, p. 47). A verificação do padrão de atividades comerciais foi realizada por meio de comparação procedendo-se a reconstrução do mapa de usos do solo de 1955 a fim de checar a permanência de categorias comerciais (INFORMADOR, 1955). Considerando o recorte espacial do estudo, a pesquisa identificou cerca de 90 atividades comerciais distribuídas em 13 categorias, predominando vestuário e segmento alimentício, como mostra o Gráfico 1.



Gráfico 1: Distribuição das atividades comerciais por categoria, 1955.

Fonte: Sintetizado a partir do INFORMADOR, 1955. Elaborado pelas autoras, 2018.

O Gráfico 2, demonstra diversificação no padrão de atividades comerciais verificado em 2018, comparado a década de 1950. Observa-se uma variação de 13 para 25 categorias, seguido por um crescimento de 90, para cerca de 140 atividades comerciais. Foram identificados 7 espaços comerciais disponíveis para alugar, e 10 fechados. Notou-se uma mudança no perfil do segmento de vestuário/ alimentício, mais expressivo em 1955, para o segmento de materiais de construção (em especial lojas de materiais eletroeletrônicos, tintas e revestimentos / seguido por serviços automotivos e móveis usados). Pela observação de campo notou-se a adaptação de espaços comerciais maiores (os barracões cerealistas), por exemplo, estabelecimentos de ‘secos e molhados’, transformados hoje em brechós ou lojas de móveis usados. Esta categoria, em número de 15, faz com que a via seja associada atualmente a uma especialização neste ramo. Nota-se entre as novas atividades comerciais, a forte presença do segmento automotivo (21), entre os quais 11 são estacionamentos, seguido pelo segmento de casa/construção civil (22).



Gráfico 2: Distribuição das atividades comerciais por categoria, 2018.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir do levantamento de campo, 2018.

Verificação das permanências nos tipos edifícios

O estudo se propôs a observar a continuidade de elementos formadores da paisagem urbana histórica, considerados em diferentes níveis, entre os quais, o eixo histórico, o plano inicial, o sistema quadra-lote-edifício (tecido urbano) e usos/atividades comerciais. Reitera-se que Conzen (1960), em seu Axioma I – paisagem urbana tripartida (plano / tecido urbano / usos / atividades) afirma que enquanto os dois primeiros elementos têm maior probabilidade à permanência, os usos e atividades são mais susceptíveis a mudança, ajustando-se às transformações de ordem socioeconômicas. Os resultados obtidos na pesquisa confirmaram de modo satisfatório os pressupostos teóricos deste autor, demonstrando a eficácia do método.

Uma vez que evidências de permanência nas 3 primeiras categorias (eixo/plano/tecido urbano) já foram apresentadas na seção anterior, procede-se agora a descrição da observação feita com relação aos tipos edifícios. Este procedimento foi realizado através da verificação da continuidade dos seguintes elementos constituintes do tipo-básico: 1) parcela; 2) casca, em que considerou a 1ª construção comercial em alvenaria, a partir de 1934; 3) cobertura; 4) elementos da fachada; 5) usos/atividades; 6) interior. O aporte teórico permitiu considerar que a significância da permanência é maior, reforçando o caráter histórico, em função da concomitância dos elementos no mesmo edifício, e por consequência no conjunto, tornando-o mais homogêneo. Em outras palavras, o acúmulo de um maior número de fatores numa mesma casca indicaria um nível de permanência mais elevado.

Os Gráficos de 3 a 5, mostram a correlação entre os 6 fatores de permanência estabelecidos e as 5 tipologias identificadas, distribuídas ao longo dos trechos 1 a 8, enquanto a Tabela 5 mostra a distribuição das permanências em cada setor. Observa-se que os trechos correspondem a cada segmento de 2 quadras, uma de frente para outra (Figura 4, pag. 11) assim considerado para preservar a relação entre as quadras, frente a frente, quem formam o *streetscape*.

Considerando o trecho em estudo a primeira verificação feita foi a permanência da casca. Notou-se que das 94 unidades-lote, 67 cascas permaneceram, totalizando 71,27% do conjunto. A partir da permanência da casca, mais significativa, foi verificado o acúmulo dos demais fatores de permanência, sendo respectivamente 69 parcelas, 52 coberturas, 47 fachadas, e 36 interiores. O setor que apresentou concomitantemente um maior acúmulo dos fatores de permanência foi o 2 (54), seguido em ordem pelos setores 3, 7, 1, 4, 6, 5, e 8 (Gráfico 3).

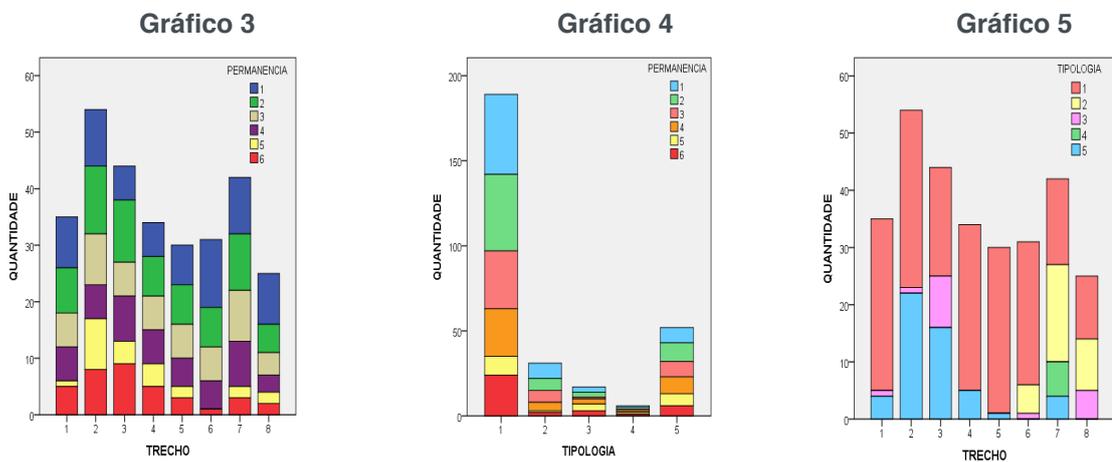


Gráfico 3 – Acumulo de permanencias/ setores 1-8; **Gráfico 4** – Acumulo de permanencias distribuído pelas 5 tipologias; **Gráfico 5** – Distribuição das tipologias edificiais nos setores 1-8

Legendas – PERMANÊNCIA 1) parcela; 2) casca; 3) coberturas; 4) elementos da fachada; 5) atividade comercial. TIPOLOGIAS 1) terreno comercial; 2) sobrado misto; 3) edifício comercial; 4) sobrado comercial; 5) edifício misto; 6) organização interior

FONTE: Pesquisa exploratória e campo. Organizado pelas autoras, 2018.

Fatores de permanência	Fator	Trechos								Totais	%*
		1	2	3	4	5	6	7	8		
	Parcela	9	10	6	6	7	12	10	9	69	73,40%
	Casca	8	12	11	7	7	7	10	5	67	71,27%
	Cobertura	6	9	6	6	6	6	9	4	52	55,32%
	Fachada	6	6	8	6	5	5	8	3	47	50,13%
	Usos	1	9	4	4	2	0	2	2	24	25,53%
	Interior	5	8	9	5	3	1	3	2	36	38,29%
	Totais	35	54	44	34	30	31	42	25	295**	-

Tabela 5: Distribuição dos fatores de permanência nos setores 1-8

Fonte: Pesquisa exploratória e de campo. Organizado pelas autoras, 2018. *o percentual apresentado refere-se 94 unidades-lote; **295 representa o acumulo total das permanências

A tipologia que acumulou mais fatores de permanência foi o ‘terreno comercial’, que é também a mais recorrente. Isto significa que este tipo é mais marcante na paisagem, contudo, não significa que um tipo menos representativo, como o 4 por exemplo, não tenha distinção. Neste caso específico, apesar de menos presente, ele acumula todos os fatores de permanência, desde de a fundação da cidade (como exemplo o antigo Lar Hotel, quadra 50, lote 3).

4 | PERMANÊNCIA COMO INDICADOR DO CARÁTER HISTÓRICO

Organizados a partir da abordagem tipo-morfológico (estrutura sistematizada em escala, nível de complexidade e tempo) os resultados mostram, a partir do comportamento isolado dos elementos, o acúmulo de fatores de permanência em

cada edifício/setor, sem que se perca a visão do conjunto. Considerou-se este um ponto favorável. O Gráfico 3 e Tabela 5 evidenciam estas relações.

A leitura das permanências através deste método permitiu verificar, no nível dos elementos físicos, a persistência de um percentual expressivo de edifícios originais (as cascas), com moderada transformação dos seus elementos constituintes (lote, cobertura, fachada, atividade comercial), garantido a integridade da estrutura principal da paisagem urbana. Já quanto aos usos/atividades, a permanência foi menos significativa, confirmando a teoria. Em apenas 24 situações o mesmo segmento comercial foi identificado (e não o mesmo comerciante). Se considerássemos esta hipótese, seriam apenas 3 ou 4 situações. Logo conclui-se que a integridade da paisagem urbana deve preferencialmente ser preservada pelo conjunto.

Usando as cascas como referência, por exemplo, poderia ser um equívoco deduzir, apenas pela presença destas, um nível de permanência elevado. A permanência deve ser considerada mais significativa quanto maior for a concomitância dos fatores numa mesma casca, e sistematicamente num trecho maior até atingir o nível de uma região, tornando-o homogêneo. Toma-se como exemplo o setor 2, que acumula o maior número de fatores concomitantemente. Comparado ao setor 3, a permanência das cascas é semelhante (12 e 11, respectivamente) contudo, na contagem total dos fatores, a variação é de 54 para 44. Isso poderia significar situações como um edifício que tivesse seu volume original preservado, mas, contudo, todos os demais elementos transformados a tal ponto que não fosse mais reconhecível. Levando este raciocínio ao extremo, a presença apenas das cascas não garante integridade do caráter histórico da paisagem urbana, sendo desejável que um conjunto maior de fatores possa ser preservado.

Até este momento da pesquisa não se chegou a atribuir *pesos* a determinados fatores de permanência (por exemplo, elementos da fachada) que pudessem ser considerados mais significativos em termos de reconhecibilidade, evidenciando mais o caráter histórico dos lugares. Este é um avanço desejável para este tipo de pesquisa, no sentido de definir 'o que' e 'como' preservar. Retomando a teoria de Conzen (1960) sobre a continuidade histórica, certos elementos mostram ser mais permanentes, devido ao caráter mais estáticos (rotas, por exemplo), o que não procede quanto aos usos/atividades que tendem a sofrer muita transformação. A pesquisa confirmou este pressuposto, alertando um campo que merece aprofundamento de estudo, melhorando a conservação das paisagens urbanas históricas.

Também no campo da resiliência urbana, há que se pensar sobre estas relações. Pode parecer óbvio, mas em se tratando de edifícios que suportam atividades comerciais, não é, e por várias razões. A dinâmica do comércio pode impor um ritmo acelerado de transformação para acompanhar tendências. Os comerciantes fazem muitas adaptações nos edifícios para acomodar os novos usos e atividade, em sintonia com o mercado, ou mesmo intuitivamente para responder ao padrão do consumo contemporâneo. A pesquisa demonstrou este aspecto, em que apenas 36 interiores

não sofreram adaptações (38% do conjunto). As fachadas foram muito adaptadas, e por vezes, elementos essenciais ao caráter histórico desaparecem (ornamentos por exemplo). As pressões do sistema econômico podem, deste modo, caminhar num sentido oposto da preservação, e a ação isolada de cada comerciante pode contribuir em muito para a descaracterização da paisagem urbana num nível mais amplo.

5 | CONCLUSÃO

O estudo buscou discutir a permanência de elementos formadores da paisagem urbana histórica. Fez um avanço neste campo, propondo um processo de leitura sistemático, que considera diferentes escalas, complexidade e temporalidades. Entendeu que o uso deste método é pertinente para interpretação da paisagem urbana. Por fim, considerou que integridade de lugares históricos é algo que precisa ser perseguido, mas nem sempre está claro para os agentes transformadores da cidade, o que precisa ser preservado, e de que forma, para que os lugares ainda sejam reconhecíveis. Vale lembrar que o consumo dos lugares, muitas vezes é reforçado pela distinção dos mesmos, em outras palavras, pelo quanto são genuínos. Assim, compreender a complexidade urbana através de seus processos possibilita uma consciência crítica sobre tendências futuras, preservando de modo adequado o caráter, valores e heranças construídas e cultuadas ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

BENTLEY, Ian et al. *Responsive environments: a manual for designers*. London, Architectural Press, 1985.

CANIGGIA, G. & MAFFEI, G.L. **Architectural Composition and Building Typology: Interpreting Basic Building**. Firenze, Italy: Alinea Editrice, 2001.

CACHINHO H. & SALGUEIRO, T. O Comércio Urbano em Tempos de Turbulência: elementos para avaliar as vulnerabilidades e níveis de resiliência. In: **Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia**. Porto: Faculdade de Letras, 2010.

CAPELO, M. **A Avenida Duque de Caxias: retratos e significados**. 1989. 121 f. Monografia (Especialização em Sociologia Urbana) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CHEN, F. Preserving the cultural identity of Chinese cities in urban design through a typomorphological approach. In: *URBAN DESIGN International* Vol. 14, 1, 36–54. 2009

CONZEN, M.R.G. **Alnwick, Northumberland: A Study in Town-Plan Analysis**. London: Institute of British Geographers, 1960.

CONZEN, M.R.G. The Plan Analysis of an English City Centre. In: J.W.R. Whitehand (ed.) **The Urban Landscape: Historical Development and Management** Papers by M.R.G. Conzen. London: Academic Press, 1981. pp. 25–54.

INFORMADOR **Classificado do Paraná**. Curitiba: Informadora e Editora Brasil Ltda, 1955.

- KROPP, K. Aspects of Urban Form. In: **Urban Morphology**. International Seminar on Urban Form, 13 (2), 105-20, 2009.
- LINARDI, M. C. N. **Pioneirismo e Modernidade: a urbanização de Londrina-PR. 1995**. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1995.
- LOVRA, E. Urban Tissue Typology and Urban Typology (1868-1918): Special Cases: Zagreb and Rijeka Scientific Papers I Znanstveni prilozi. pg. 202-215, 2016.
- MOUDON, A. V. Getting to Know the Built Landscape: Typomorphology. In: FRANK, K. A. & SCHNEEKLOTH (ed.). **Ordering Space: Types in Architecture and Design**, 1994.
- NAKAGAWARA, Y. **Londrina por dentro**. *Revista Cartaz*. A História de Londrina 1934-1984, Londrina, n.6, p. 11-18, 1984.
- PANERAI, P. “**Typologies**”. In: PANERAI, Philippe et alii. *Analyse urbaine*. Marseille: Éditions Parenthèses, 1999, p.105- 132.
- PEREIRA COSTA, S.A. & GIMMLER NETTO, M.M. **Fundamentos de Morfologia Urbana**. Belo Horizonte: C/ARTE, 2015.
- PEREIRA COSTA, *et al.* Aplicações de conceitos da Escola Italiana de Morfologia Urbana em cidades brasileiras planejadas e multi diferenciadas. IN: **Diferentes abordagens em morfologia urbana**. Contributos luso-brasileiros. OLIVEIRA, V. Ed. Ebook. Disponível em vitoroliveira.fe.up.pt. 2018.
- PRANDINI, N. Aspectos da geografia urbana de Londrina. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira de. **Geografia e Norte do Paraná: um resgate histórico**. Vol. 2. Londrina: Humanidades, 2007. p. 87-113
- RODRIGUES, E. R. **Shopping a céu aberto no Brasil: transformações, estratégias e perspectivas da rua comercial na sociedade de consumo contemporânea**. Tese (Doutorado) não publicada. FAUUSP, 2012.
- VARGAS, H. C. **Espaço Terciário. O lugar, a arquitetura e a Imagem do Comércio**. São Paulo: SENAC, 2001.
- WHITEHAND, J.W.R. British Urban Morphology: The Conzenian tradition. In: **Urban Morphology** 5(2), 2001. p. 103–109.
- WHITEHAND, J. W. R. ‘**Origins, development and exemplification of Conzenian thinking**’, 14th International Seminar on Urban Form, Ouro Preto, Setembro, 2007.
- WHITEHAND, J. W. R. ‘**The structure of urban landscapes: strengthening research and practice**’, *Urban Morphology* 13, 5-27, 2009.
- YAMAKI, H. **Terras do Norte - Paisagem e Morfologia**. Londrina: Ed. H.Yamaki e UEL, 2017.
- YAMAKI, H. **Plano Diretor de Preservação do Patrimônio Cultural de Londrina**. Documento para Discussão. Londrina, PML, 2003.
- YAMAKI, H. **Iconografia Londrinense**. Londrina: Edições Humanidades, 2003a. 107p.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-050-6

